


***Sud chesti*: a ciência soviética sob o escrutínio do regime**

Sud chesti: Soviet science under the scrutiny of the regime

Moisés Wagner Franciscon

 <https://orcid.org/0000-0001-7795-3270>

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O filme *Sud chesti* [Tribunal de honra], 1948, do diretor Abram Room, foi um dos elementos da campanha do regime soviético na mídia para devolver o gênio à garrafa após a abertura cultural para os aliados e o relaxamento social durante e imediatamente após a Segunda Guerra. Era necessário justificar ao país a reviravolta da situação internacional com a Guerra Fria, o corte dos vínculos com os ex-aliados, a contenção da espionagem industrial promovida pelos mesmos contra a URSS, a sujeição da ciência aos ditames políticos e a repressão aos defensores da reforma, aproximação e distensão. Para sua análise, foi empregada a sócio-história cinematográfica de Marc Ferro, com sua busca pelo entrelaçamento de política, sociedade e cinema, com a intenção de permitir ao cinema apresentar a sociedade e a política sob outra perspectiva, e estes ao modelarem o cinema e serem por ele influenciadas. As parcelas da audiência identificados com o regime e seu novo nacionalismo exacerbado do pós-guerra encontravam em *Sud chesti* os elementos para a identificação e a perseguição dos inimigos internos, como direcioná-los ao renascido tribunal de honra, e a entender o papel deste na educação política das massas. A defesa da pátria imiscui-se com o objetivo de controle do saber científico e de seus contatos com o exterior.

Palavras-chave: Cinema. Ciência. União Soviética. Stalinismo tardio.

Abstract: The film *Sud chesti* [Court of honor], 1948, by director Abram Room, was one of the elements of the Soviet regime's media campaign to put the genie back in the bottle after the cultural opening to the allies and the social relaxation during and immediately after the Second war. It was necessary to justify to the country the turnaround in the international situation with the Cold War, the severing of ties with former allies, the containment of industrial espionage promoted by them against the USSR, the subjection of science to political dictates and the repression of defenders of reform, rapprochement and distension. For his analysis, Marc Ferro's cinematographic socio-history was used, with his search for the intertwining of politics, society and cinema, with the intention of allowing cinema to present society and politics from another perspective, and these, when modeling cinema and be influenced by it. Parts of the audience identified with the regime and its new exacerbated post-war nationalism found in *Sud chesti* the elements for identifying and persecuting internal enemies, how to direct them to the reborn court of honor, and to understand its role in the political education of the masses. The defense of the homeland is involved with the objective of controlling scientific knowledge and its contacts with the outside world.

Keywords: Cinema. Science. Soviet Union. Late Stalinism.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Introdução

Da mesma forma que o intercâmbio de cientistas era praticado, e engenheiros americanos trabalhavam em plantas soviéticas, como profissionais contratados pela falta de mão de obra qualificada ou como parte do pacote de compra de fábricas inteiras e tecnologia (e eram os responsáveis pela sua montagem na URSS), engenheiros e técnicos soviéticos também visitavam os EUA. Tais contatos eram justificados como visitas e cursos, ou inspeção para a compra, entrega e vistoria de qualidade de produtos, mas poderiam envolver o roubo e venda de segredos industriais (ou, segundo os dois lados, de sabotagem industrial) de ambas as partes. A semioficial Amtorg Trading Company, estabelecida nos anos 1920, tornou-se sob Stalin em uma organização para a espionagem industrial (KALIC, 2019, p. 17). Durante a guerra, os EUA se preocupavam essencialmente com a espionagem alemã, mas com o fim da guerra, a caça às bruxas e o sucesso soviético com a bomba atômica, campanhas contra a espionagem dispararam, envolvendo da produção de açúcar na Pensilvânia até o projeto Manhattan (SIBLEY, 2004, p. 113). Apesar das alegações de que os EUA não promovem a espionagem industrial, e quando esta ocorre é efetuada pelas próprias companhias, sem a intromissão do governo (HASTEDT, 2011, p. 390), As canções do musical *Vesyolye rebyata* [Rapazes felizes], 1934, de Grigori Alexandrov, foram contrabandeadas para os EUA, onde foram gravadas em disco e comercializadas, o que provocou uma busca por espões e espionagem industrial no Mejrabpomfilm em 1937-38, com dezenas de prisões (FIGES, 2010, p. 425), incluindo a de Boris Babitski, diretor da Mejrabpomfilm e Mosfilm, preso e executado em 1937 (BO, 2019, p. 138).

Overy (2009) engana-se quanto ao poder e às capacidades totalitaristas de Stalin. Fernandes (2000) mostra os interesses totalizantes, o desejo, mas as limitações enormes para tal – além da própria origem fascista do conceito de totalitarismo, de sua transposição pelo jornalismo para o ambiente soviético com sua rígida visão piramidal e centralizada do poder, e sua sistematização concebida mais em termos ideológicos por Hanna Arendt, do que pautada na realidade soviética. Figes (2010) concorda com Lewin (1988, 2005) sobre o real quadro de caos, reações não planejadas e improvisação do regime, mas mantém a caracterização de totalitário. Pelo contrário, o partido sempre se viu como vanguarda, uma elite. Nunca se propôs a abarcar a totalidade da população, apenas seus melhores indivíduos, e seus membros nunca formaram mais do que uma fração reduzida da nação. O desejo do partido e do Estado era o de submissão, obediência, e engajamento em ações positivas. Mas Overy estava correto ao demarcar as fontes de poder de Stalin na própria sociedade, em sua capacidade de identificar e se pôr à liderança de ondas e movimentos emergentes na sociedade. E o ditador não possuía qualquer pudor em mudar de grupo de apoio (sempre eram muitos) e demonizar os aliados de ontem. Assim foi com a Grande ruptura e Revolução cultural (FITZPATRICK, 1999) surgidos com a tomada por Stalin das alavancas do poder ditatorial com os planos quinquenais, a estatização e a centralização, da forma como foram levados a efeito. Em um ano ele podia criticar a sabotagem dos técnicos e especialistas, clamar por *praktiks*, profissionais recém saídos de cursos relâmpago, com baixa formação e que se tornariam qualificados pela prática, reconhecer intimamente o erro com o baixo desempenho das novas fábricas, inverter o discurso e buscar o apoio dos estratos sociais médios dos técnicos. O imediato pós-guerra é de aliança com a *intelligentsia*, homens da cultura e ciência. Mas sua posição seria pendular nos anos seguintes, em vários momentos lançando a desconfiança e colocando pressão sobre estes, buscando apoio nos grupos anti-intelectuais que se viam satisfeitos com as críticas em cima de cientistas, pesquisas e áreas do saber. Ou o apoio dos conservadores e dos chauvinistas russos adeptos do isolacionismo

e da excepcionalidade soviética contra os liberais¹ que defendiam a aproximação com o Ocidente e a percepção da URSS como parte da Europa (SEGRILLO, 2016). Mover cadeiras na administração, como o liberal e ocidentalista Maxim Litvinov para a pasta das Relações Estrangeiras era um aceno aos atores externos, mas também aos internos. Substituí-lo por Molotov, também, bem como torná-lo embaixador nos EUA durante a guerra e vice-ministro das Relações Estrangeiras até 1946, quando sua queda definitiva indicou uma reorientação. O pós-guerra, a desestruturação do regime, da economia, da sociedade, do aparato de segurança, enquanto a nova Guerra Fria se configurava no horizonte, alertou a liderança para os desafios futuros, inclusive naqueles que poderiam surgir entre os milhões de soldados que lutaram:

Os líderes do Partido estavam apreensivos em relação ao retorno de todos aqueles homens com ideias reformistas. Para quem se importasse em rever a história, havia um paralelo óbvio com a guerra contra Napoleão entre 1812 e 1815, quando os oficiais, ao retornarem, trouxeram para a Rússia czarista o pensamento liberal da Europa ocidental que inspirou o levante dezembrista de 1825. Ativistas políticos em uma conferência no segundo *front* bielorrusso, em fevereiro de 1945, exigiram esforços para combater a perniciosa influência do Ocidente: “Depois da guerra de 1812, os soldados, tendo visto a vida na França, compararam-na com a vida atrasada na Rússia czarista. Na época, a influência francesa foi progressiva... Os dezembristas chegaram a ver a necessidade da luta contra a ditadura czarista. Mas hoje é diferente. Talvez os estados da Prússia oriental estejam em situação melhor do que algumas fazendas coletivas. Tal impressão pode levar uma pessoa retrógrada a preferir a propriedade da terra à economia socialista. Mas isso é retrógrado. Portanto, deve haver uma luta impiedosa contra esse tipo de pensamento” [...]. A aliança com a Inglaterra e os Estados Unidos abriu a sociedade soviética para a influência ocidental muito antes do fim da guerra. Depois de anos de isolamento, as cidades soviéticas foram inundadas por filmes de Hollywood, livros ocidentais e produtos importados pelo acordo de empréstimo e arrendamento feito com os Estados Unidos. Milhões de pessoas sentiram o gosto de como a vida realmente era no Ocidente – talvez não o ideal de Hollywood, mas muito distante das imagens sombrias divulgadas pela propaganda soviética durante a década de 1930 [...] talvez, algo como a NEP pudesse vir a ser reimplantado. Tudo isso aumentava a expectativa de que a vida na União Soviética fosse se tornar mais fácil e mais aberta ao Ocidente [...]. Como o escritor e propagandista Vsevolod Vishnevsky disse em um discurso para a Sociedade para Relações Culturais Exteriores no verão de 1944: “Quando a guerra terminar, a vida será muito mais agradável... Haverá muitas idas e vindas e muitos contatos com o Ocidente. Todos poderão ler o que bem quiserem. Haverá intercâmbio de estudantes e os cidadãos soviéticos terão facilidade para viajar ao exterior” – e como metade dos atuais membros do Partido estavam nas Forças Armadas, havia o temor de que ideias reformistas contaminassem a base da própria instituição (FIGES, 2010, p. 508-9).

O mesmo se deu com os pedidos por reformas liberalizantes e a implementação de mecanismos de mercado por economistas e Ivan Likhachyov, chefe da Fábrica Stalin de automóveis (FIGES, 2010, p. 510). Os ataques de Stalin à influência cultural ocidental tornaram-se públicos apenas em 1946. Aqui, são burocratas, gente do aparato, que se adiantaram às diretrizes do centro, mais stalinistas que o próprio Stalin. São parte das vozes

¹ Brown (2010) mostra como as facções políticas dentro do partido comunista tornaram-se visíveis na Era Brejnev, inclusive de grupos liberalizantes. Tais facções, no entanto, subsistiam apesar da pressão stalinista por um monólito. No stalinismo tardio, os liberais se destacariam pelas esperanças de um retorno à NEP, por maiores liberdades com a vitória na guerra, pela crença na aproximação diplomática e cultural com o Ocidente.

conservadoras e nacionalistas de pessoas comuns que se faziam ouvir contra os filmes-troféus do pós-guerra e a visibilidade da sociedade ocidental decadente exibida nos próprios cinemas soviéticos (para alegria de alguns, como os fãs de faroeste, e para desespero dos defensores mais ideologizados do regime que liberara tais filmes para a distribuição), por meio de cartas enviadas aos jornais e publicadas. Como as cartas dos leitores da revista *Kultura i jizn* de março de 1947, e as assembleias na Crimeia ou Kursk que deixaram claro ao apontar a vulgaridade dos filmes ocidentais (FÜRST, 2010, p. 237). A Ciência seria vista como parte integrante das armas do regime, pois também seria ameaçada pelo contato e contaminação pelo inimigo externo e precisava ser depurada dos elementos insubordinados que a poderiam trair, ser protegida e auxiliada a se desenvolver no caminho (e conclusões) certo.

Jdanov estabeleceu a Escola Superior do Partido no Comitê Central para restaurar a pureza ideológica interna. Seu discurso em Leningrado, em 14 de agosto de 1946, fazia crítica ao servilismo, à “moderna cultura burguesa do Ocidente”, e se o regime era o melhor do mundo, ele teria que ter, obrigatoriamente, os melhores autores e pesquisadores, dispensando os pares ocidentais. O Comitê Central atribuiu a falta de confiança da *intelligentsia* e do povo soviético em si mesmos em decorrência do controle czarista que acostumou o país a obedecer a cultura ocidental. Em junho de 1945 ocorreu a comemoração dos 220 anos da Academia das Ciências, com a presença de muitos cientistas estrangeiros. Na recepção com a presença de Stalin, Molotov discursou com promessas de aproximação da ciência soviética com a “ciência mundial”, atendendo as demandas dos cientistas. Em maio de 1947 Stalin afirmou a Konstantin Simonov que a *intelligentsia* soviética nutria uma admiração injustificável pelos seus pares do Ocidente e sua cultura (SUNY, 2006, p. 563). Valim (2015) estabelece a mudança das autoridades ao discurso eleitoral de Stalin de 9 de fevereiro de 1946. Em 1945, cientistas ocidentais pediram para participar do Congresso de Genética em Moscou, e foram apoiados publicamente pelos geneticistas Serebrovsky, Dubinin e Jebrak (tendo os últimos conversado em particular para publicar seus artigos no exterior – Jebrak de fato publicaria na Science em outubro de 1945, minimizando o impacto do lisenkoísmo na genética da URSS), e estiveram nos EUA no mesmo ano para a fundação da ONU, bem como bolsistas nos anos 1920 (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 70). Tais contatos se estenderam até setembro de 1947, quando foram denunciados pelo Pravda, bem como a “ciência mundial” e a afirmação de que Lysenko era o único biólogo patriota, como parte da campanha anticosmopolita. Ainda assim, Jebrak e outros geneticistas tiveram espaço para se defender e criticar o lisenkoísmo até os primeiros meses de 1948. No começo deste ano, o Instituto de Fisiologia Vegetal da Academia das Ciências organizou um encontro para a defesa do estudo dos hormônios das plantas, ou com leituras públicas na Universidade de Moscou sobre a seleção natural, o que ia contra o lisenkoísmo. Em 7 de julho de 1948, 13 cientistas de Leningrado publicaram um artigo no jornal do Ministério da Saúde criticando a anticitologia de Lepeshinskaia, que, como lisenkoísta, duvidada desse ramo do saber (JORAVSKY, 2010, p. 135-136). Os jornais promoveram uma campanha contra o servilismo ao estrangeiro em julho de 1947 (GORLIZKI; KHLEVNIUK, 2004, p. 34; 38). Mas a própria máquina administrativa e de repressão, modernizada e precisa, relutava em agir², como a morosidade

² Filmes, teatro, livros e novelas (as radionovelas começaram na URSS em 1925) foram arregimentados na causa. A tentativa de isolar o país totalmente da “ciência globalista”, isto é, da troca de informações, mostra a profundidade do novo controle de informações que se deseja, abarcando também a música, notícias, etc. O Caso Leningrado, o do Comitê Judaico Antifascista, o Complô dos Médicos, as denúncias contra segmentos do aparelho de segurança e de chefes de facções e grupos políticos na cúpula do Kremlin, o ataque a generais notáveis, caminhavam sem o devido engajamento das várias facções (apesar de em alguns momentos algumas delas colocarem a máquina do Terror, em pequena escala, em funcionamento, quando do esmagamento físico da facção de Jdanov). Essa relutância foi um dos fatores da abrangência do Terror sobre os quadros década e meia antes.

de instauração de tribunais de honra e a circunscrição numérica dos réus mostra. “As conquistas científicas, assim como a produção cultural, integravam o *soft power* do projeto civilizatório comunista em sua cruzada para superar o capitalismo ocidental” (BO, 2019, p. 246). *Sud chesti* fez parte da campanha, que prosseguiu nos anos seguintes, enaltecendo a capacidade científica do país, mas clamando pelo seu controle e submissão ideológica pelo regime. Foi precedido de uma campanha na mídia. Os jornais chegaram a publicar trechos do roteiro. Foi baseado numa peça, por sua vez baseada em fatos reais (BO, 2019, p. 193).

O laboratório de Kliueva no Instituto de Epidemiologia, Microbiologia e Doenças contagiosas foi visitado pelo embaixador americano Walter Bedell Smith (general que substituiu o civil Averell Harriman em março de 1946 e desgostou os soviéticos) em 20 de junho de 1946, em setembro, foi a vez dos físicos americanos Stuart Mudd e Robert Leslie o visitarem. Em 26 de novembro de 1946, o secretário da Academia de Ciências Médicas, Vasili Parin, levou o manuscrito *A bioterapia de tumores malignos* de Kliueva e Roskin e testes laboratoriais em uma visita aos EUA, onde foram publicados. Em 17 de fevereiro de 1948 os dois cientistas disseram que a desclassificação das informações de suas pesquisas, liberando-as para publicação, foi ideia de Parin, que acabou preso, e do ministro da Saúde Pública, Miterev, que foi demitido (GORLIZKI; KHLEVNIUK, 2004, p. 184). O julgamento do casal de cientistas ocorreu entre 5 e 7 de junho de 1947, diante de 800 espectadores. O líder foi informado das transcrições das conversas com estrangeiros e burocracia. O Politburo recebeu relatórios diários do julgamento (GORLIZKI; KHLEVNIUK, 2004, p. 36-37). Para Stalin, era traição da própria burocracia do Estado, trabalhando contra o próprio país. Em maio de 1947 Simonov e Fadeyev foram convocados diante de Stalin, que pediu por romance sobre o caso Kliueva e Roskin. “Havia a necessidade, disse ele, de trabalhos de ficção mais patrióticos, que expusessem a submissão dos intelectuais ao Ocidente” (FIGES, 2010, p. 574). Simonov concordou, mas pediu uma peça no lugar. Todavia, apesar dos pedidos da secretária de Jdanov para a entrega do manuscrito, se dedicava ao seu politicamente fracassado *Dym otechestva*, atacado pelo jornal do Agitprop, *Kultura i jini*, com o apoio de Stalin. No começo de 1948 apareceu com o esboço de *Sombra alienígena*, que foi entregue a Jdanov, Molotov e Stalin. Este telefonou para indicar mudanças na peça³. Acabou ganhando o prêmio Stalin, mas antes, seus pares a criticaram por ser fraca e transmitir capitulação política ao perdoar ao invés de punir (FIGES, 2010, p. 574-575; 576). Sua peça deu origem ao filme, servindo de material para o roteirista. *Sud chesti* usa o espantalho do tribunal de honra e do julgamento espetacularizado para conscientizar a parcela do público formada por membros do ensino superior qual seria seu destino. Uma peça da engrenagem do novo modelo de repressão que substituiu o de terror por cota.

Entre os estudantes soviéticos, aqueles que não eram adeptos do lysenkoísmo ficaram aflitos com as mudanças nas disciplinas e seu desaparecimento repentino, como a genética e cibernética. Isso teria gerado desconfiança no regime, e não o contrário, como o estudante que verificou um campo experimental de Lysenko e encontrou plantas sem grãos. A campanha da *Jdanovichina*, no entanto, encontrou poucos frutos. Poucas pessoas fora da intelligentsia liam Akhmatova. Nenhum kolkhoz criou uma assembleia para debater seu problema. Mesmo os estudantes universitários dificilmente a liam ou souberam do caso. O caso Roskin-Kliueva

O novo modelo de repressão pontual e cirúrgico só vingou pela morte do ditador (MONTEFIORI, 2006).

³ “Aconselhou-o a pôr mais ênfase no egoísmo do cientista protagonista (Stalin: “Ele vê sua pesquisa como uma propriedade pessoal.”) e a destacar a benevolência do governo, terminando o trabalho com o ministro da Saúde implementando as ordens de Stalin para perdoar o cientista errante e para que continuasse com sua pesquisa. “É assim que vejo a peça”, disse o ditador. “Você precisa corrigi-la. Como vai fazer isso é problema seu. Assim que a corrigir, a peça será aprovada” (FIGES, 2010, p. 574-575).

foi diferente. Mais de 150 reuniões de alto-nível foram realizadas apenas pelo Komsomol, reunindo 30,569 ouvintes: uma média de 2,087 e 14 oradores por encontro. No entanto, as notas demonstram pouca noção do que se passava, como desconhecimento ou incompreensão da meta de afastamento do Ocidente (FÜRST, 2010, p. 77, 71). Qual teria sido a reação do mesmo kolkhoz aos filmes lisenkoístas sobre macieiras, remédios e galinhas? Os 15 milhões de expectadores de *Sud chesti* parecem não empolgar os números de Grande poder e Michurin. No entanto, muitos trabalhadores estavam diretamente envolvidos com a aplicação da vernalização de sementes ou plantio de cinturões arbóreos em milhares de quilômetros do país. Quantos (e como) poderiam estabelecer as relações entre os filmes e suas vidas e atividades?

Ao Tribunal de honra no cinema, seguiu-se o dos diretores. No mesmo mês de seu lançamento, durante a campanha contra o cosmopolitismo, diretores judeus, como Trauberg e Lutkevitch, foram criticados por colegas e pelo ministro Bolchakov numa reunião do Ministério do Cinema. Cientistas e cineastas se viram forçados à autocrítica ao mesmo tempo (BO, 2019, 193-194). *Sud chesti* foi o ponto baixo moral da carreira de Room - Sergei Lutkevich, diretor e seu ex-assistente, era acusado pelo mesmo crime de cosmopolitismo (ROLLBERG, 2009, p. 586) A carreira de Samoilov deslanchou após o filme (ROLLBERG, 2009, p. 600).

Os discursos, argumentos e ideias dos cientistas vilões estavam amplamente disseminados em universidades e centros de pesquisa. As mensagens e justificativas dos cientistas mocinhos eram os mesmos dos expoentes políticos do regime. O filme, assim, traça um embate entre ambas as forças, escamoteadas como igualmente defendidas por cientistas, tendo o Partido o papel moderador, de defensor dos interesses nacionais e de patrono da pesquisa e saber científicos – como já a História teria demonstrado cabalmente com o sucesso da Revolução, só possível pela capacidade científica de leitura da realidade proporcionada pelo marxismo-leninismo (BRZEZINSKI, 1963). Era uma maneira de levar os argumentos do regime para o público, sobre as interferências que se processavam sobre os departamentos (BOOBYER, 2000, p. 150), e rebater as reclamações destes, nunca dirigidas contra os dirigentes, mas conta a difusa burocracia, o que era algo aceito como velha válvula de escape (FITZPATRICK, 1999, p. 118). No imediato pós-guerra, as universidades soviéticas entraram em uma ebulição de debates com o clima de distensão interno e externo. A partir de 1947, com a emergência da Guerra Fria, e em 1949, com a supressão de todo um campo do conhecimento, como a Genética, o ambiente de debates foi prejudicado e reduzido, mas não extinto. Durante os ataques do governo à Genética, muitos cientistas não permaneceram calados e apresentaram reações – recebendo penas leves, como rebaixamento ou perda de cargos. A discussão e apresentação de críticas às propostas e políticas governamentais às ciências a partir daí enfrentou altos e baixos em matéria de liberdade até a morte do ditador (JORAUSKY, 2010, p. 120-121, 141).

Ferro concebeu um amplo leque de possibilidades para a análise do filme enquanto parte de uma história social mais ampla⁴, mas também é mais lembrado por seu método para a leitura de mensagens latentes nos filmes (FERRO, 1992). As de *Sud chest* não estão ocultas, esperando para serem desveladas. São diretas, claras, didáticas. Visam emparedar

⁴ “La especificidad de la historia en el cine, cuando se trata de ficciones que no pretenden ser reconstrucciones, es la forma de adoptar la inventiva. En nuestra opinión, el genio de los cineastas mantiene a los que han podido encontrar, para devolver al pasado su autenticidad, ya sea una idea motriz que da cuenta de una situación que la sobrepasa, ya sea un marco de acción que ejerce la función de un microcosmos revelador; o también, el análisis de un suceso, una investigación sobre cómo se ha producido, les permite revelar cosas no dichas y mostrar el reverso de una sociedad, desempeñando tal suceso una función reveladora, un síntoma, aunque por su naturaleza no cambie el curso de la historia” (FERRO, 2008, p. 10).

a comunidade científica liberal e pró-ocidental diante de seus pares com pensamentos antagônicos, especialmente os charlatões adeptos do agrônomo Trofim Lysenko. Mas também diante do resto da sociedade⁵, que deveria entender que há cientistas confiáveis e aqueles que mesmo antes famosos e benquistos poderiam cair em opróbrio, serem traidores. Ainda assim, podem ser captadas outras mensagens pertinentes, mas sublunares. O aviso para se afastar de tudo o que é estrangeiro e reconhecer os avanços e a importância do próprio país (quadro necessário diante de tão competentes autoridades) pode ser identificada para a própria sociedade que assiste ao filme, para aqueles que ouvem jazz ou suas emissoras de rádio, leem publicações estrangeiras, acreditam em seu avanço tecnológico e em boatos sobre sua ação na URSS; a atração oferecida para as forças sociais conservadoras, tradicionalistas, chauvinistas com a apresentação das conquistas russas do passado e do presente em um *continuum* de grandeza, que ouviam rememorar os nomes da ciência dos tempos do tsar e eram tranquilizadas com a exibição de paridade e superioridade científica no tempo atual; a exibição de heróis na defesa da pátria que em muito lembram os atuais dirigentes do país.

Filmes históricos escondem compreensões do presente imputadas ao passado, construção mais do que reconstituição. Filmes ficcionais, ao mesclar sociedade e ideologia, permitem que se atinja à zona de realidade social, não visível, ou não declarada. “Zona de realidade que, no obstante, as imagens ajudam a descobrir, a definir, a delimitar” (FERRO, 1992, p. 93). Ferro (1992, p. 123-140) mostra como o filme sobre um revolucionário, *Chapaiev*, 1934, oculta uma concepção reacionária de mundo, surgida (ou ressurgida) no refluxo da ideologia radical dos anos anteriores⁶. *Sud Chesti* também é testemunha de tal processo, já em estado bem mais avançado. Tendências internacionalistas (ao menos aquelas que pretendiam a manutenção da aliança – ou que a consideravam possível de ser mantida – e contatos com os ex-aliados ocidentais) são vistas com desconfiança. O nacionalismo se torna o novo cimento ideológico da URSS, mitigando os valores socialistas. Intenções que expressavam preconceitos dos setores mais conservadores da Rússia czarista, como o chauvinismo (FIGES, 2017), a ojeriza de tudo o que é estrangeiro, ganham espaço, contanto com a aceitação e incentivo oficiais, cristalizados no filme.

Fürst (2006, 2010) apresenta um stalinismo tardio cercado pelas dissonâncias de diferentes grupos sociais que, aproveitando-se da incapacidade organizativa e repressora do Estado durante a guerra, que absorveu todas as suas forças, tornaram-se autônomos ou semiautônomos – como Lewin (1988) concorda. O recrudescimento legal e criminal da época seria uma forma desesperada do regime se manter no poder. O filme do domesticado Abram Room exibe a força da reimposição da ordem que o regime pretende. É a justificação perante à sociedade do direito e dever do regime imiscuir-se em questões científicas, que se tornam arena da guerra ideológica interna e externa. E como obra do realismo socialista, trata-se mais de um mundo como deveria ser, do que de fato era (LAWTON, 1992) – uma sociedade científica e acadêmica que se une na luta contra a nefasta influência externa do inimigo, e seus planos de roubo dos segredos da URSS.

⁵ Ferro fundamenta sua análise nas relações entre filme e sociedade, como produto de uma dada época e lugar, que os expressa conscientemente ou não: “o filme, aqui, não é considerado do ponto de vista semiótico. Não se trata também de estética ou história do cinema. O filme é abordado não como uma obra de arte, porém como um produto, uma imagem objeto, cujas significações não são somente cinematográficas [...]. A crítica não se limita somente ao filme, integra-o no mundo que o rodeia e com o qual se comunica necessariamente” (FERRO, 1976, p. 203).

⁶ “Ao nível do implícito, observa-se uma identificação bastante coerente com o sistema de valores dos Brancos: redenção pelo sangue e mito do sacrifício, disciplina do exército, representação dos graus, legitimidade do saber institucionalizado, glorificação da família patriarcal e legítima, obediência ao poder central” (FERRO, 1992, o.139).

Sud chesti

O longa-metragem dirigido por Abram Room, com roteiro de Alexander Stein (ganhador da Ordem da Estrela Vermelha em 1942 como correspondente para o jornal da Marinha), cinegrafia de Aleksandr Galperin⁷, e com música de Lev Schwartz, foi filmado em 1948 no estúdio de cinema Mosfilm. O filme foi liberado pela censura e estreou em 25 de fevereiro de 1949. Ganhador do Prêmio Stalin de primeiro grau em 1949, no mesmo ano o filme ficou em terceiro lugar nas bilheterias, com 15,2 milhões de espectadores. O produto estrangeiro estava novamente no mercado. Em 1947, o filme-troféu alemão *A mulher dos meus sonhos*, 1944, uma comédia musical, rendeu cinco vezes mais que um dos principais lançamentos soviéticos do ano. Em 1948 foram lançados 37 filmes-troféu contra 17 soviéticos, e em 1949, 39 contra 18 (BO, 2019, p. 198). Apesar da baixa oferta de películas no período chamado justamente de *malokartinnyi*, “fome de filmes” ou “tempo das limitações” (LABARRÉRE, 2009; LAWTON, 1992), sua audiência ficou aquém de outros filmes nos anos anteriores, ainda mais atingidos pela destruição da infraestrutura de exibição do cinema. O que pode indicar que não atraiu genuinamente o público. Nessa época, dos dois lados da Cortina de Ferro, era comum que pessoas assistissem mais de uma vez um mesmo filme. A restrição de oferta na URSS impulsionava muito mais tal hábito. Ainda assim, a bilheteria não atingiu o de gêneros de aventura, comédia e musicais, como *Pyatnadsatiletniy kapitan* [Capitão aos 15 anos], 1945, com 17,5 milhões, quando os cinemas ainda estavam em ruínas fumegantes, ou os 44,8 milhões do *red western Zastava v gorakh* [Posto avançado nas montanhas], 1953, já com um número maior de salas de projeção e de horas livres para o lazer após a reconstrução do país (FÜRST, 2006, p. 7).

Alexander Stein (Rubinshtein), judeu da Ásia Central, combatente vermelho na Guerra Civil, militar e correspondente na Leningrado cercada, roteirista de filmes de propaganda militar durante a guerra. Como muitos, também premiado com *Sud Chesti*. A peça *A lei da honra* (1948) expõe o cosmopolitismo no meio acadêmico.

No filme, dois bioquímicos soviéticos, os professores Losev e Dobrotvorsky, fizeram uma descoberta de um analgésico para controlar a dor de pacientes com câncer. Durante uma missão científica nos Estados Unidos, os cientistas compartilham os resultados de seu estudo com colegas dos Estados Unidos, publicando um artigo sobre o trabalho de sua equipe, que ainda não foi concluído. De volta à URSS, são criticados pelas autoridades. Os cientistas percebem a ação do regime como repressão injustificada. Insistiram que “a ciência não tem fronteiras” e que o conhecimento deveria pertencer a toda a humanidade. Uma missão científica americana, composta por um pesquisador genuíno, mas obediente ao seu governo e financiadores, e dois espiões disfarçados: um agente da espionagem e um industrial, procuram roubar a pesquisa com o apoio inconsciente dos bioquímicos soviéticos. O oficial e mocinho do filme, Vereisky, e até sua esposa, tentam dissuadir Dobrotvorsky o alertando para a sua “imaturidade ideológica” e traição aos interesses nacionais. Como resultado, os cientistas foram condenados por cosmopolitismo e punidos pela decisão do Tribunal de Honra formado por seus pares e membros do partido. Dobrotvorsky se arrepende e aprende a importância de seguir as orientações políticas do Kremlin como aquelas que expressam as mais puras necessidades do país.

Sergey Fedorovich Losev (Nikolai Svobodin - quase sempre incorporando

⁷ Professor da VGIK, membro do partido desde 1943, emissário do Ministério do Cinema para Berlim em 1945, com a posição de coronel, ganhador da Ordem do Distintivo de Honra em 1944 e cinegrafista do famoso *Traktoristy* [Os tratoristas], de Ivan Pyrev, 1939 (ROLLBERG, 2009, p. 241).

personagens politicamente adversários do regime, como socialistas revolucionários de 1917, nobres, burgueses) e o ingênuo Alexey Alekseevich Dobrotvorsky (Nikolai Annenkov - quase sempre atuava em papéis positivos) partem para proferir uma palestra no Instituto de Medicina Americana em Nova York. O tenente-general acusa Losev não apenas de compartilhar informação com os americanos, mas também de publicá-las antes em Nova York do que em Moscou.

Andrei Ivanovich Vereisky (Boris Chirkov - ator imensamente premiado no país, quase sempre no papel de protagonistas heroicos e identificados com o regime, como seu papel na trilogia *Maxim*, de Grigori Kozintsev e Leonid Trauberg) é tenente-general do serviço médico. Com seu uniforme branco lembra Stalin dos posteres, e é grave e paternal como o líder, procura ajudar ao amigo pois sabe que ele está errado, não percebe, e será julgado por isso. Quem é Vereisky? Apesar de seu apartamento grande e repleto de móveis luxuosos, da *dacha* como um palacete às margens de um rio, e de seu status – tudo conquistado pelo seu esforço pessoal durante a guerra e na academia, segundo os parâmetros do Novo homem soviético do pós-guerra (MEHNERT, 1966; FÜRST, 2006), a versão soviética do *self-made man* americano (FIGES, 2010) -, usa roupas camponesas e ouve futebol moscovita pelo rádio, quando fora do trabalho. Ele é um homem do povo, como Stalin cuidando de seu pomar. Apesar de características stakhanovistas de labor e sucesso individual, tem preocupações coletivas com os amigos e com a nação. Amigo de longa data de Dobrotvorsky, conhece seu caráter idealista e ingênuo, sabe ser manipulado e por várias vezes tenta colocá-lo de volta no caminho certo – o de obediência as autoridades e vigilância contra interesses estrangeiros dissimulados. Vereisky e políticos incentivam a publicidade de pesquisas inconclusas dentro da URSS como forma de ganhar reconhecimento interno à ciência soviética. Qual a importância disso? Num país no qual um cientista fora destroçado por crentes diante de uma imagem que chorava (OVERY, 2009), com uma ampla população recém e parcamente alfabetizada (LEWIN, 1988), mostrar a importância da ciência mesmo com testes pela metade poderia ser uma forma de ganhar apoio social para a pesquisa. Mas também, em um regime intimamente ligado à imagem de mecenas e oráculo das ciências (KOJEVNIKOV, 2004), era um meio de se criar manchetes positivas, orientar e absorver a opinião pública em um assunto que aumenta a legitimidade do governo, e se caso fosse uma expectativa frustrada, como o caso real de Kliueva e Roskin o foi (pesquisas subsequentes descartaram o remédio em testes), o assunto poderia ser simplesmente esquecido, substituído por nova manchete de conquista científica pró-regime. Vereisky, que é membro da Academia de Ciências Médicas, vê a foto de Losev na *Life*, que chegava a círculos restritos na URSS (além de ser do conhecimento do grande público instruído por suas aparições em jornais soviéticos como referência para informações), juntamente com outras revistas de circulação mais ampla (FÜSTER, 2006). Descobre que ele foi pago. Se Dobrotvorsky é ingênuo, Losev é um traidor motivado por dinheiro e vaidade. Losev justifica a ida à Nova York como uma oportunidade para a promoção externa da ciência soviética, para obrigar os reticentes americanos a reconhecer os avanços do país. Sob a aparência nacionalista, ocorre a espionagem industrial, intensificando a visão da hipocrisia do vilão, e da necessidade de vigilância e desconfiança para o público.

Dobrotvorsky diz a Vereisky que este quer reproduzir a doutrina da Cortina de Ferro de Churchill nas ciências, que são patrimônio humano, cujo conhecimento não deve conhecer fronteiras. Ciência não deveria ser tratada como uma guerra, como um exército a ser enviado, um novo projeto de tanques, submarinos, foguetes ou aviões. É destinada a aliviar a dor de doentes, e doentes estão em todos os lugares, como a ciência e os cientistas. O professor nacionalista e alinhado às diretrizes políticas Yuri Denisovich Pisarevsky (Vladimir

Vladislávski), no entanto, aprova a abordagem do general.

Dobrotvorsky afirma que a publicação não ocorreu, pois o segredo permanece em seu cofre. Em seguida, Losev aponta para a falta de direitos no país, a perseguição, remoções e tenta induzir o colega a trilhar no exterior. Admite que fez cópias da pesquisa, mas isso era para a proteção contra uma atuação do general e um subsequente cancelamento da pesquisa, que não publicou o artigo por dinheiro, mas por Deus e a Humanidade, apresentando ao colega o glamour de sua viagem, das fotos na imprensa americana, além de partilhar um dos presentes recebidos das empresas farmacêuticas - uma cara caneta - um presente que nada tinha de criminoso ou pecaminoso, mas apenas a arte de escrever bem. Dobrotvorsky acredita genuinamente e passa a reproduzir parte dos argumentos de Losev. Segundo Dobrotvorsky: “Eu me pergunto onde está o comitê do partido. O comitê do partido, tanto quanto eu entendo, deve me ajudar no meu trabalho e não interferir”. Ele acredita numa ciência universal e internacional, “uma ciência mundial unificada”, que possa derrotar os verdadeiros inimigos da humanidade, como tuberculose e câncer. Nikolai (Evgeny Samoilov - famoso como intérprete de jovens heróis), genro do general e igualmente pesquisador, se preocupa com a disseminação do pensamento de Dobrotvorsky sobre o falso “benevolente mundo das ciências” entre seus alunos e no meio acadêmico. Ele precisa ser lembrado do *partiinost*, o espírito de não apenas seguir, mas também defender as diretrizes partidárias nos diferentes campos da vida (HOBSEAWM, 1987). Nikolai diz que uma contribuição soviética pararia nas páginas de uma revista americana que mostrava qual era o campo médico que mais avançaria no oponente: o da guerra bacteriológica, com bilhões de dólares a produzir assassinatos. Outro argumento contra a “ciência globalista” de Dobrotvorsky é a exibição pelo filme das relações do partido como desobstruidoras de gargalos, com o vice-ministro da Saúde reunindo pessoal e recursos para as pesquisas.

As posições do médico militar Vereisky e dos cientistas Pisarevsky e Nikolai expressam as esperanças e os medos do regime. Para ocidentais acostumados à visão totalitarista do mundo soviético, a franqueza, teimosia e desenvoltura do ingênuo Dobrotvorsky diante de apoiadores do regime e um de seus representantes (apesar de amigos próximos e parentes) pode parecer estranha, e é em parte exagerada. Há uma inversão na ordem dos acontecimentos. O discurso da necessidade da ciência sem fronteiras é do imediato pós-guerra, e reemergiu diante das acusações de espionagem industrial e falta de vigilância ideológica, para então ser criticada pelo partido. O filme de Abram Room personaliza a discussão pública em andamento na sociedade ao elaborar o debate cara a cara. Negativas de cientistas e representantes do regime não eram raras durante a “desestalinização espontânea” do pós-guerra (FIGES, 2010, p. 693) até a conferência de agosto de 1948 na Academia Lenin de Ciências Agrícolas, VASKhNIL, com a consagração de Lysenko. Mesmo nesse momento nevrálgico para o destino do mundo acadêmico, dissensões e críticas contra a imposição do lysenkoísmo pelo partido foram manifestadas abertamente na conferência – e receberam punições leves como a expulsão do partido (por não obedecer a disciplina partidária e ordens que emanavam do próprio Stalin) ou perda do cargo na universidade (JORAUSKY, 2010, p. 138-9) – poucos meses antes da estreia da película nos cinemas. A demonstração que o regime falava sério com os castigos e a campanha midiática, na qual *Sud chesti* se insere, reconduziram o livre debate acadêmico que havia ressurgido (DEUTSCHER, 2006) que tocasse em posições ideológicas oficiais para as sombras, até o momento de sua reeclosão em agosto de 1951, perto da morte do ditador (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 141), quando este passava longos meses longe de Moscou, no Mar Negro (MONTEFIORE, 2006).

Os empresários e agentes americanos Wilb (Arkady Tsinman - que vinha fazendo

papéis de americanos) e Wood (Georgy Chernovolenko – acostumado ao de vilões), que acompanham o professor Carter (Semyon Mejinsky – que interpretara inimigos como Napoleão, mas também heróis como o suicida amigo de Stalin, caído em desgraça antes de sua apoteose póstuma, Grigory Ordjonikidze) garantem aos soviéticos que, uma vez que compartilhem todos os dados da pesquisa, como forma de alavancar o conhecimento, a propriedade intelectual será garantida. Um cientista soviético (Alexandre Frolov), aponta que estuda o mesmo tipo de doença, e remédio, que o professor Carter. Ele também pede minúcias da composição do produto descoberto recentemente pelo americano. Ao contrário do burguês e do espião, que preferem manter o professor conterrâneo desinformado de suas conversas em russo para ter mais liberdade na espionagem industrial, Carter aceita o pedido do colega soviético. Mas rasga suas anotações antes de compartilhá-las: a receita pertence por lei e contrato à empresa e ao seu dono, e não a ele, o descobridor. Carter encarna o bom americano, o povo, ao contrário de burgueses e militares, mas não é tão ingênuo quanto Dobrotvorsky. Este afirma que o “costume é a lei da hospitalidade. Não vamos fazer perguntas uns aos outros que seus costumes proíbem de responder”. Carter pergunta se os cientistas soviéticos não possuem uma empresa ou companhia que age por eles, os beneficie e atue em favor da humanidade. O cientista responde:

Sim, existe tal empresa. Esta é uma empresa que já fez um depósito de dez milhões. Esses fundos construíram nosso instituto. Esta empresa tem 200 milhões de acionistas. Eu sou um deles. Tenho informações sobre os planos desta empresa. Posso dizer-lhe que esta empresa vai comprar a nossa invenção, chegará a hora de distribuí-lo para toda a humanidade, em desafio de todas as leis⁸ (SUD..., 1948).

Diante da pressão formulada por parte da intelectualidade e estratos médios do país por reformas liberalizantes no imediato pós-guerra, e que encontrou vasão durante os 100 dias de Beria no poder após a morte de Stalin, e de maneira parcial na desestalinização de Kruschev, a mensagem parece ser uma resposta sobre premissas semelhantes. Não existiria motivos para uma nova NEP e o retorno de atividades e propriedade privadas legais (para além da segunda economia ou economia cinzenta existente), como aqueles sugeriam em publicações e encontros, além da rede subterrânea de rumores (FÜSTER, 2006; FIGES, 2010, 2017), uma vez que o sistema estatal soviético ocupa perfeitamente suas atribuições. E não faria sentido aceitar o compartilhamento de informações com o Ocidente pelas mesmas preocupações financeiras. Com a exceção do benefício final – porém num futuro indeterminado – para toda a humanidade. Apesar do internacionalismo da Revolução, anos 1920 e princípios dos anos 1930, o expectador pode entender as limitações de Carter como um apelo geral contra o estrangeiro.

A pesquisa soviética acaba patenteada e torna-se propriedade privada de um laboratório americano, sem qualquer interesse em manter os direitos soviéticos, como as promessas de Wilb e Wood. A URSS se vê privada de utilizar um medicamento que ela financiou, descobriu e desenvolveu. O caso ganha as proporções e a intensidade que Vereisky alertara várias vezes à Dobrotvorsky como forma de dissuasão e esclarecimento. O militar pedira ao amigo que bloqueasse o acesso dos americanos aos dados, vigiasse Lobov, acabasse com a espionagem internacional e traição nacional disfarçadas de “ciência globalista”, antes que a questão se tornasse maior e irremediável e fugisse à sua alçada,

⁸ A fusão de Estado e companhia feita no discurso lembra, involuntariamente, o conceito de capitalismo de Estado formulada por Trotsky para explicar a realidade do sistema soviético nos anos 1930. Que, de fato, se aplica muito bem a ele, e ainda mais após as reformas liberalizantes de Kosygin na década de 1960-70.

chegando às altas autoridades da nação, que jamais poderiam perdoar tal comportamento maléfico aos interesses da pátria sem punição severa e exemplar.

Aleksandr Alexandrovich (o sempre mal Maxim Shtraukh – a escolha do ator para o papel pode realçar a percepção de que as Cortes de honra ressuscitadas tratavam-se de algo muito sério e perigoso), Presidente da Comissão de Governo, pressiona o vice-ministro (a ponto de fazê-lo suar) - que perde o cargo por ser fraco e não ter sido capaz de impedir a ação de traidores internos e agentes estrangeiros, professores e pesquisadores em uma direção: o problema deixou o reino da ciência pelo reino da política. Cientistas não elaboram e conduzem a política, mas devem ser conduzidos, unidos, por ela, pelo bem da nação [pensamento como o de Koje sobre a visão do papel e ações do partido segundo o próprio]. Alguém da Academia que lavasse suas mãos estaria agindo como Poncio Pilatus. E isto não era uma possibilidade. O discurso de Alexandrovich faz eco às exigências do regime por união ideológica e cultural contra a infiltração e divisão sociais pretendidas pelo inimigo externo, e a vigilância das bases, em todos os setores, para pressionar os colegas desviantes, para o monolito patriota. A questão da relutância de cientistas em seguir as determinações emanadas por políticos não era nova. Pavlov pediu em 1934 a Kapitsa que este se tornasse a voz dos cientistas contra o controle do partido e pelo controle dos cientistas sobre suas pesquisas. Kapitsa fortaleceu o debate ao pedir à Stalin poderes autônomos frente à Béria no projeto atômico. E Sakharov faria de sua vida uma luta contra a interferência política soviética e pelo direito sobre suas realizações científicas (KOJEVNIKOV, 2004), tornando-se dissidente, entregando informações sigilosas aos americanos em sua embaixada, e criando programas a serem seguidos pelas potências inimigas para enfraquecer a URSS (SAKHAROV, 1976), que circularam em *samizdat* interna e externamente⁹.

Lobov saúda a opção do governo por um tribunal de honra. O julgamento por pares da academia seria o reconhecimento da importância e da dignidade dos cientistas. Também significa escapar das penas dos promotores públicos soviéticos (interpretado por Konstantin Khokhlov), ou pior, *troikas* como dos julgamentos sumários da década anterior (VOLKOGONOV, 2004). O tribunal de honra demonstra a mudança da natureza do sistema de repressão soviético, de massas para cirúrgico, bem como das penas, mais severas para menos severas, com a aparição da autocrítica pública como punição e não apenas um dos elementos da execução de opositores e desviantes (o que se tornaria a tônica dos anos Krushev) - mas não da publicidade e espetacularização midiática, como os julgamentos encenados da Grande purga, 11 anos antes. Não ser fuzilado ou enviado para o Gulag não significa que a reputação e a carreira não seriam destruídas. Como a médica Tatyana Dobrotvorskaya (Olga Jizneva), esposa de Dobrotvorsky, diz, ele poderia fazer com que uma pessoa nascesse novamente, ou se tornasse forasteira. “Alyosha, entenda que será o seu amanhã” - uma situação que enredou a Room (BO, 2019), como a milhares. Poderia ser

⁹ O destino de Andrei Sakharov é um registro interessante da mudança da repressão na URSS. Suas diversas visitas à embaixada americana e a acusação do regime de ter entregue informações (já antiquadas em decorrência dos anos de afastamento do projeto nuclear) renderam ao dissidente em 1980 a pena de exílio interno na cidade de Gorki, próxima a Moscou, desenvolvida e abastecida, mas fechada a estrangeiros. Pode até mesmo fazer cirurgias no exterior, acompanhado da esposa, Yelena Bonner, atacarem o regime na mídia americana, e retornar tranquilamente. Com a perestroika, eleger-se-ia deputado liberal e morreria de ataque cardíaco algumas horas após uma alteração com Gorbachev no Parlamento, em 1989. A grande maioria dos dissidentes passou a receber penas curtas na prisão, nos campos de trabalho ou colônias penais, exílio externo consensual ou internamento psiquiátrico compulsório. A exceção, comparada ao destino do nobelizado (1975) Sakharov, foi o matemático e *refusinik* Natan Sharansky, condenado a 13 anos de trabalhos forçados e períodos de solitária em 1977, comutados em 1986 por Gorbachev, junto com Sakharov (TUCKER, 2020, p. 1372, 70, 635; JUVILER, 1998, p. 40). Gorbachev utilizaria o mesmo título do livro de Sakharov para seu *best-seller* publicado em 1988 contendo suas profundas e vagas propostas de reforma. Com a exclusão de Sharansky, os dissidentes soviéticos pós-Stalin conheceram uma vida de nababo perto da do jornalista Assange.

autobiográfico? Teria a esposa de Room alertado o diretor para as consequências de um caminho autônomo ou crítico?

Alexandrovich afirma que a “autocrítica é uma coisa maravilhosa [...], mas você precisa usá-la com habilidade”. A instrução para os acusados confessarem seus crimes, justificando da maneira correta certas passagens, mas aceitando completamente outras acusações, segundo as expectativas dos membros do partido presentes, como mostra Kojevnikov (2004, p. 184-191), era parte da cultura do partido, com a qual seus representantes esperavam tratar com o restante da sociedade. Saber utilizar a autocrítica poderia fazer com que o acusado ganhasse punições brandas, ou até mesmo inverter a acusação. Mas sua má aplicação poderia ter resultados muito piores, como a negativa completa de erros, que costumava enfurecer os membros do partido, justificativas erradas (que não eram percebidas como legitimadoras pelos mesmos) ou a admissão de toda a culpa e acusações – dependendo da seriedade destas.

Room e Stein procuram utilizar comentários jocosos e gracejos como forma de atrair a audiência, enquanto procuram lançar uma atmosfera cínica às mensagens e justificativas dos vilões, e inteligência e humor mordaz aos heróis. Losev, ao tentar introduzir os espões americanos na área restrita do centro de pesquisas, diz que “os convidados querem ter certeza de que temos bomba atômica”¹⁰, interditar sua entrada seria um incidente internacional. A expressão de Losev procura convencer os colegas soviéticos no laboratório de que precisam o novo medicamento para provar ao mundo exterior. Aparentemente nacionalista, mas com real motivação e com consequências antinacionais. Ao mesmo tempo, o público pode perceber uma mensagem ou uma insinuação de que pesquisa médica-científica deve ser entendida como tão importante quanto os segredos militares¹¹ - um ponto de choque frontal com universidades e centros de pesquisa (FÜRST, 2006; DEUSTCHER, 2005). Olga (Antonina Maksimova), filha do acadêmico Vereisky, e chefe do laboratório, procura impedir a entrada dos americanos na área restrita. Afirma que para se entrar em um hospital na América, é necessário pagar – sugerindo o interesse de espionagem industrial e roubo de patentes pelos ex-aliados. Dobrotvorsky a interrompe: “não temos segredos”. Dobrotvorsky também diz que a autoridade poderia sufocar pesquisas, mas que o seu trabalho não seria interrompido, pois foi com trabalho que Colombo descobriu a *América*, arrancando

¹⁰ A piada, que serve para justificar o clima de desconfiança mútuo, alude a um fato esperado, mas ainda não realizado. Produzido e liberado pela censura em 1948, o filme estreou em 25 de fevereiro de 1949. O teste atômico soviético só viria a acontecer em 29 de agosto de 1949, muito antes do que os americanos previam.

¹¹ O caso do físico Piotr Kapitza é exemplar da relação conturbada e de pressão do regime que deseja que suas normas de comportamento e objetivos traçados sejam seguidos pelos acadêmicos. Kapitza defendeu vários companheiros, os salvando da prisão nos anos 1930, mas em 1946, ao propor compartilhar suas descobertas na física nuclear com pares estrangeiros, acabou sendo despojado de todos os cargos importantes, como o de tenente-general, apesar de preservar seus importantes títulos e medalhas. Partiu da URSS para Cambridge em 1921 para fazer seu doutorado (algo corrente e em geral financiado pelo regime dos anos 1920 até meados dos 1930 e mais raramente após a data, até o intercâmbio acabar em 1938) com Ernest Rutherford. Um acordo foi selado para que passasse suas férias de volta ao seu país a partir de 1926 e que retornasse em definitivo em algum momento posterior – um acordo vantajoso para o pesquisador e para o regime, que contaria com mão-de-obra com conhecimento de ponta sem contar com os laboratórios mais modernos. Nas férias de 1934 foi impedido de retornar à Inglaterra. Recebeu um apartamento em Moscou, um carro Buick e uma *dacha* na Crimeia. A suspeita do regime para com ele não diminuiu com seus apelos para retornar à Cambridge e apontar a impossibilidade de trabalhar por falta de equipamento. Durante o projeto atômico soviético, poderia fazer críticas e escrever cartas par Stalin exigindo mais respeito do líder do projeto e ex-chefe do NKVD Beria (que se tornara vice Primeiro-ministro após se assegurar de implantar homens de confiança no comando do aparato de segurança) aos cientistas e alertando para um novo status dos necessitados cientistas diante de políticos – e, num sistema em que rumores competem com a informação oficial controlada e duvidosa para muitos, o conteúdo dessas cartas se espalhou entre os pesquisadores. O caráter político da xenofobia de Stalin e de propaganda ao falar da superioridade russo-soviética aparece nas razões que ofereceu para despedir Kapitza do controle do Truste do Oxigênio em 1946: não copiar nova tecnologia estrangeira ou não aceitar inovações tecnológicas soviéticas (KOJEVNIKOV, 2004, p. 99-107; 143-146).

bufos do oficial tenente-general do serviço médico, exasperado com os fracassos de demover o amigo da aproximação com o inimigo político-ideológico. Ocorre também uma luta pela atenção e egos dos cientistas entre os visitantes-espiões americanos e o vice-ministro da Saúde. O filme atenta para motivações econômicas e psicológicas para a conduta tida dos personagens explicitada como perigosa.

A revelação da infiltração de um major da inteligência americana como pesquisador serve para que o cientista Vladislávski lance contra Dobrotvorsky a “verdadeira” face da comunidade científica do Ocidente, durante o tribunal de honra. Também aponta que agora todos os cientistas, toda a *intelligentsia* soviética, entenderiam (e não teriam desculpas para dizer o contrário) como se produz a chantagem e a espionagem - e o que acontece com os acusados. É um alerta para toda a sociedade do perigo do Ocidente e do cosmopolitismo. O cinema se integra aos congressos acadêmicos como o da VASKhNIL, às manchetes de jornais impressos, aos cinejornais rodados nos julgamentos midiáticos de Kliueva e Roskin, às peças encomendadas por Stalin à Simonov, como parte da campanha para os objetivos do regime e para o aprendizado das massas (e dos corpos técnicos) para a obediência e o engajamento.

O discurso duro de Vereisky segue a mesma linha didática, incentivando a união nacional por meio do orgulho de seu passado e de sua excepcionalidade frente ao estrangeiro: “em homenagem a Lomonossov e Lobachevsky, Sechenov e Mendeleiev, Pirogov e Pavlov¹², que mantiveram como uma bandeira sagrada a primogenitura da ciência russa”, descobridora e inventora de uma miríade de conhecimentos e instrumentos (no mínimo, contestados), e que conheceu na guerra seu espelho de primazia sobre a Europa - como a superioridade científica, ganha com esforço e sangue de muitos. “Eu culpo aqueles que pisavam sobre seu orgulho nacional, que humilhavam a honra e a dignidade da nossa pátria, é uma vergonha maior”, ou ainda quando pergunta “quem gostaria de dar o tesouro da nossa nobre descoberta científica”, de joelhos, para buscar o reconhecimento dos mercadores estrangeiros da morte. O militar assinala para a consumação de um crime anti-Estado e antipatriótico. Segue com o argumento de que o sistema e sociedade soviéticos eram os melhores e dos sentimentos positivos e de agradecimento que deveriam despertar: “que este tribunal de honra seja um lembrete a todos aqueles que ainda não estão curados do vergonhoso cosmopolitismo, mas também da doença de se encolher e humilhar” diante dos estrangeiros e do Ocidente.

Afirma ainda e de maneira direta que é um tribunal “para a educação”, e por isso a punição deve ser a de repreensão pública, que deveria ascender o patriotismo entre os cientistas e professores - quando o general diz isso, não é apenas sua aparência que lembra vagamente o líder máximo - Stalin está lá, num retrato colossal, sancionado pelo enorme busto de Lenin, que ainda assim é eclipsado pelo retrato do secretário-geral.

O rosto de Dobrotvorsky expressa um lampejo de pensamento. Ele percebe que Vereisky e o partido sempre quiseram o seu bem e o da nação, e que ele teimosamente estivera errado. Ele faz a autocrítica e reconhece a extensão de seus erros, mas se propõe a

¹² Mikhail Lomonossov (1711-1765), polímata que fez contribuições à física, astronomia, química e linguística; Nikolai Lobachevsky (1792-1856), matemático; Ivan Sechenov (1829-1905), psicólogo, fisiologista e cientista; Dmitri Mendeleiev (1834-1907), inventor da tabela periódica dos elementos químicos; Nikolai Pirogov (1810-1881), médico com importantes desenvolvimentos no campo da cirurgia; Ivan Pavlov (1849-1936), fisiologista premiado com o Nobel de Medicina de 1904. As referências a personalidades das ciências e cultura tornou-se praxe nesses filmes, como o brinde no Ano novo de 1900 feito em homenagem à Pushkin, Glinka, Gogol, Repin, Belinski, Herzen, Tchernichevski, Timiriázev, Pavlov e Mendeleiev em *Michurin* (1948). Vários desses ícones já haviam recebido suas próprias biografias no cinema, estavam para recebê-las ou apareceriam em filmes dedicados a outras personalidades. Era uma forma do regime incentivar e se colocar ao lado do setor nacionalista na sociedade, apresentando uma longa genealogia da grandeza russa, agora fomentada e capitaneada pelos novos ocupantes do Kremlin. Suas hagiografias também são as do regime, pois são narrativas construídas segundo suas necessidades e mitos.

enquadrar-se no campo patriota: “Eu sonho que as primeiras pessoas salvas pela minha droga sejam do nosso povo soviético, e que meu país dê ao mundo uma série de descobertas. Foi difícil e amargo para mim neste julgamento, mas ele não me desarmou, ele me inspirou. Eu precisava dele”. A autocrítica foi aceita. O pesquisador sobe as escadarias sob o olhar do imenso Lenin no saguão. Da parede, é observado por Pirogov, reconciliando-se com o grandioso passado russo. Seu abraço com o militar termina com o encadeamento de imagens das antigas muralhas e torres do Kremlin. O poder soviético o recebe nos braços, a união nacional retornou com a destruição do cosmopolitismo. A cena possui uma mensagem latente (FERRO, 1992). É a Moscou moderna do tráfego de carros e caminhões, ecoando as palavras do general de que o futuro precisa destruir o passado (ao menos seu ceticismo e métodos de validação, antagônicos com a fé irrestrita que se deve depositar no sistema, no trabalho, na liderança e em suas conquistas apoteóticas). Mais que isso, é uma reconciliação do passado czarista com o futuro socialista do país, da ciência (segundo os parâmetros partidários) e da ideologia.

A URSS nunca foi completamente estanque às informações vindas do estrangeiro, mesmo sob Stalin. Durante a guerra e no imediato pós-guerra várias publicações científicas e de outros gêneros chegavam ou eram impressas no país. É pelo principal semanário americano da época, a *Life*, que o tenente-coronel descobre que a ciência, a produção científica soviética e seu amigo estão em perigo. Ao exibir a *Life* como fonte de intriga e ação dos poderes externos, faz-se coro à pressão pela proibição de circulação de revistas estrangeiras - inclusive as científicas¹³. O Comitê Judaico Antifascista mantinha relações com o exterior e acabava por retransmitir informações por sua emissora de rádio em ídiche e se transformou na primeira vítima do combate ao cosmopolitismo¹⁴. Os cientistas também conseguiam transitar pelas fronteiras. O filme, ao exibir os males de viagens, revistas e contatos com estrangeiros, procura justificar o cerco do Kremlin à circulação de informação não-controlada, proibindo essas revistas e dificultando o trânsito de pessoas. A partir de então os periódicos vindos do exterior passaram a compor áreas reservadas de bibliotecas, com acesso restrito à elite ou a quem esta o permitisse. Ainda assim existia osmose¹⁵. A burocracia para acessá-las, ou dependendo do caso, sua impossibilidade, gerava críticas de pesquisadores, que precisavam ser rebatidas pelo regime.

Se Dovjenko uniu de forma indissociável lirismo e mensagem político-ideológica-

¹³ No imediato pós-guerra, os governos americano e inglês vendiam em quiosques em Moscou e Leningrado as revistas *Amerika*, *American Technology* e *Britanskii Soizuznik*, que traziam informações positivas sobre seus regimes, como a prosperidade rural – numa URSS com a agricultura arrasada pela guerra. O regime notou que a propaganda ocidental se infiltrava, e tratou de conter e manipular a informação, enfatizando os ataques e ameaças ocidentais e a superioridade soviética sobre o capitalismo. Em 1948 jornais como o *Komsomolskaia pravda* publicaram uma série de artigos para refutar as revistas anglo-americanas, exibindo o lado trágico da vida nos dois ex-aliados e em outras nações capitalistas e coloniais, enaltecendo o estilo de vida soviético (FÜRST, 2010, p. 68).

¹⁴ Em 16 de outubro de 1946 foi preparada uma revisão secreta da atividade do Comitê Judaico Antifascista e suas publicações enviadas ao exterior (RUBENSTEIN, NAUMOV, 2001, p. 511).

¹⁵ Se acreditarmos nas palavras do lysenkoista Vsevolod Stoletov em uma conferência em Oslo, em maio de 1950, o fechamento de informações ficou longe de ser absoluto. Quando perguntado se conhecia o trabalho do geneticista japonês Hitoshi Kihara, “ele respondeu secamente: “Claro, você acha que estamos totalmente isolados e desinformados?”” (DEJONG-LAMBERT, 2012, p. 138). Se o regime desejava que Nikolai Vavilov divulgasse as conquistas do país em Ithaca, agora era um seguidor de Lysenko quem conseguia uma oportunidade de projeção internacional, apesar de toda a condenação à “ciência globalista”. Apesar da condenação de Stalin, os chefes políticos e técnicos das instituições e dos órgãos públicos sabiam que o bloqueio total de informações significaria o estancamento de seus trabalhos, de seus resultados a apresentar, e de sua razão de ser, impedindo a ruptura, como o banimento das revistas técnicas. Mais do que o isolamento, o controle de informações ganhou contornos da aceitação de que alguns dados deveriam ser guardados segundo a lógica de segurança do regime, enquanto outros, sem impacto nessa área, poderiam ser divulgados e debatidos. Por exemplo, informações que poderiam ser vistas pelo Estado como espionagem científico-industrial não seriam tratadas vindas de fora da mesma maneira que saindo do país para o exterior.

pseudocientífica em seu contemporâneo *Michurin* (1948), o diretor de *Sud chesti* não o fez o mesmo. A cena do jantar na dacha, em meio às árvores e com um rio ao fundo, era um bom trabalho de fotografia. capaz de chamar a atenção do público, como as macieiras floridas e curvadas sobre o caminho o faziam em *Michurin* (cena recorrente nos filmes da época, como em *Tretiy udar* [O terceiro golpe], 1948, de Igor Savchenko). Já em *Sud chesti*, o cenário amplo dá lugar à closes dos personagens, lançando toda a atenção recém conquistada da audiência sobre suas mensagens no diálogo em que tentam trazer o cientista ingênuo à razão e ao bem da pátria. No tribunal, o único elemento que poderia roubar atenção da mensagem nacionalista cultural é o busto de Lenin e o retrato de Stalin.

Apesar da boa forma de Room, distante do estilo cineteatro que adotaria em seguida, e que se tornou moda com o início da teledifusão soviética, alguns pontos se destacam, como o cromatipo pouco proporcional). Bo (2019, p. 136) indica a transformação do diretor. Suas películas possuíam bom nível técnico e ele mesmo era arrojado. No entanto, entrou em conflito com as autoridades na segunda metade dos anos 1930 ao não se submeter ao cânone estético do realismo socialista. *Sud chesti* marca sua adesão ou coação completa, que se encaminharia para a pobreza, platitudo e modorra de seu cineteatro. A afirmação de Dobrotvorsky de que o autoritarismo sufocaria um trabalho baseado na autonomia, como a Ciência, pode ter sido verdade para o caso de Room e de seu cinema.

A motivação do Kremlin é baseada em questões materiais, como patentes, dinheiro e recursos, bem como ideológicas, como o nacionalismo e honra pátria, a corrida ou emulação entre socialismo e capitalismo e os argumentos de superioridade sistêmica, a união de interesses e aceitação do papel condutor do partido e da liderança, a criação de um monolito de opinião pública contra dissensões fragmentadoras que fraturassem e enfraquecessem o país, o combate ao insidioso inimigo externo e a caça aos inimigos internos. Os livros científicos tidos pelos lisenkoístas como ultrapassados ou falsos não foram queimados em praça pública: foram queimados em lixões ou reciclados. Importantes artigos passados e de revistas internacionais foram colocados em arquivos especiais, *spetskhraneniya*, de acesso restrito (MEDVEDEV, 1989, p. 829).

Qual a razão de reproduzir, mesmo que sob ótica negativa, conceitos, imagens e discursos daqueles que o regime aponta como traidores ou traidores em potencial? Não se trata de um arremedo de democracia nas telas e apenas nelas, de uma vila de Potemkin para audiências internas e externas, mas uma tentativa de conter e rebater críticas e ideias que eclodiam na sociedade com a desestalinização espontânea do imediato pós-guerra, como as propostas e pedidos para o retorno da NEP no campo e na cidade, e da abertura e integração cultural com os ex-aliados¹⁶, além das redes de comunicação e boatos arraigadas na sociedade que corroíam o poder do regime¹⁷. O chamado à ordem e a obediência, no entanto,

¹⁶ Mesmo durante os fatais anos 1930, a obediência às exigências do poder não era sempre cumprida, como as deserções e estratégias visando o interesse pessoal dentro dos kolkhozes (FÜRST, 2006, p. 103; CHANNON, 1998, p. 191), ou mesmo no perigosíssimo meio intelectual da época. Figs (2010, p. 772) diz que “Vavilov [irmão do famoso geneticista, e ele mesmo um importantíssimo pesquisador e administrador de institutos de pesquisa e educação] agia secretamente contra as decisões oficiais e sua posição não foi notada por muitos anos”.

¹⁷ “Gerenciar a opinião pública sobre política externa, no entanto, provou ser mais difícil do que o esperado. Informações cuidadosamente divulgadas muitas vezes alimentavam rumores histéricos entre a população nas cidades e aldeias: as rações de pão deveriam ser cortadas; A Ucrânia seria vendida ao Ocidente; uma nova guerra era iminente. Relatos do discurso de Churchill provocaram uma variedade de reações indesejadas, como retirada em massa de dinheiro de bancos na Crimeia, pânico em vários kolkhozes e alegria nos estados bálticos, onde o discurso foi saudado como um sinal de libertação iminente da ocupação soviética. As listas de perguntas feitas nas reuniões do Komsomol testemunham que o conflito emergente foi observado com certa ansiedade e incerteza” (FÜRST, 2010, p. 67). Termos como formalismo eram apropriados para os iniciados no partido (em sua cultura e ritos) mas escapavam às massas, mesmo entre os estudantes (FÜRST, 2010, p. 77). Channon (1998, p. 188) lembra que essas redes informais já criavam boatos capazes de mobilizar os camponeses, como o de alforria para

ocorreu muitas vezes de maneira reflexiva e improvisada, como muito do governo de Stalin no alto stalinismo e ainda mais no stalinismo tardio¹⁸. Apesar dos chamados à guerra cultural, ao engajamento junto ao regime, e à repulsa ao estrangeiro, o regime também permitiu a exibição dos filmes-troféus, que apesar de alguns segmentos censurados, permitiam aos soviéticos o vislumbre da vida no Ocidente (tanto verossimilhante quanto adornada e ideal, generalizando a prosperidade da elite como quadro geral, como os próprios filmes soviéticos faziam) como não o faziam desde os anos 1920, e mesmo que seus olhos não tivessem visto o caminho feito de Brest e Leningrado à Berlim e a Viena.

Conclusão

Sud chesti não é um memorial a um triunfo da recentralização e reestalinização do pós-guerra. Se enquadra em um momento no qual o regime apenas está iniciando o cerco contra o dissenso diante de ordens emanadas do centro, quando ainda há debate aberto na sociedade e posições contrárias ou autônomas às posições do regime em vários nichos.

Perto de outro filme sobre o campo científico da época, *Velikaya sila* [Grande poder], de Friedrich Ermler, lançado um ano depois, em 1950, em meio à escalada da guerra cultural e a repressão interna entre as duas superpotências, *Sud chesti* não chega a ser anti-intelectual, como o regime incentivaria na paranoia dos anos finais de Stalin e na eclosão de novos casos de sabotagem e espionagem envolvendo leningradenses, médicos e judeus, que preparavam o caminho para um novo expurgo geral (MEDVEDEV; MEDVEDEV, 2006). Apenas os dois cientistas, mesmerizados pelos EUA, são vilões voluntários ou inconscientes. Pesquisadores e técnicos em posições mais baixas são representados positivamente. Em *Velikaya sila* ocorre o contrário. O pesquisador lisenkoista enfrenta um cerco “cosmopolita” que abrange quase a totalidade do instituto. A mensagem de *Sud chesti* é a de que o público deve confiar nos cientistas. Em *Velikaya sila*, apenas naqueles incensados pelo regime, sendo os demais dignos de desconfiança. Tribunais de honra já existiam sob o czarismo (MONTEFIORE, 2006, p. 36) – a passagem dos mecanismos do partido para o Estado e a identificação com o império russo (DEUSTCHER, 2005; LEWIN, 2007) contribuiu para a ressurreição de um modelo de coação do passado oitocentista que procurava eximir ou diminuir a exposição do regime na repressão, atribuindo-a aos pares. Dois filmes tornaram-se uma aula (com projetores, como as novas propostas técnicas para o ensino enfatizam) sobre como os tribunais de honra deveriam se constituir e atuar.

Após a sangria de técnicos na década de 1930 e as necessidades da guerra, impôs-se um sistema de repressão cirúrgico, que permitiu a reabilitação e liberação de muitos, mas que permitiu maior contato da população com ex-detentos que poderiam carregar e disseminar visões negativas da sociedade¹⁹. Cientistas perpassando fronteiras em congressos não se limitavam a trocar dados estatísticos. A desconfiança sobre diálogos

os servos que lutassem na Crimeia, ou doação de terras para os que combatessem os turcos e japoneses. Lewin (1988) mostra como essas redes constituíam uma sociedade civil a pressionar e contrapor ao governo.

¹⁸ Vários autores chamam a atenção para o quadro de falta de ações planejadas dessa época. As ações reativas calculavam mal as intenções e planos dos velhos-novos rivais do Ocidente, e mal organizadas, resultaram na falha em alcançar seus objetivos. A Crise de Berlim, de 1948, é o melhor exemplo. A resposta à quebra dos acordos por parte dos ex-aliados quando à Alemanha Ocidental não levou à conquista de Berlim Ocidental, e aumentou o capital político americano junto a seus aliados, confiantes na demonstração de seu poderio aéreo para abastecer a cidade fechada (VOLKOGONOV, 2004; DEUSTCHER, 2005). O próprio stalinismo tardio e a *Jdanovichina* teriam sido estratégias desesperadas de um Estado cercado para reimpôr seu poder (FÜRST, 2006, p. 11).

¹⁹ Os microbiologistas Pavel Zdrodovsky e B. A. Zilber, presos durante a Grande Purga e considerados perigosos, foram soltos no começo da guerra para conduzir as contenções de epidemias entre os soldados (MEDVEDEV, 1989, p. 467).

políticos candentes se alastrava para as publicações técnicas estrangeiras. Além da antiga noção de que o ocidente explorava a nação (e o mundo todo, incluindo os pobres em seus próprios países) desde os tempos czaristas. Para os chauvinistas, o contato com o mundo exterior teria sido nocivo no passado, e continuava a sê-lo no presente (FIGES, 2017). O regime se pôs a manipular essa parcela da população e colocá-la em sua base de apoio para as medidas repressivas.

O filme *Sud chesti* legitimou todas as ações de controle de informação, fechamento de fronteiras, sujeição da ciência à política, fazendo a negação da “ciência mundial” e de seu globalismo sedutor e enganador, uma miragem que sacrificava os interesses e recursos da nação para fortalecer os do inimigo externo, lembrando ao público que segredos devem ser guardados, e que os americanos devem ser vistos como o são, oponentes. Ganhou o Prêmio Stalin de primeiro grau em 1949 (ROLLBERG, 2009, p. 241).

Referências

- BO, João Lanari. *Cinema para russos, cinema para soviéticos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- BOOBBYER, Philip. *The Stalin Era*. Londres: Routledge, 2000.
- BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. *Ideologia e poder na política soviética*. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- DEJONG-LAMBERT, William. *The Cold War politics of genetic research: an introduction to the Lysenko Affair*. Nova York: Springer, 2012.
- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- FERNANDES, Luís. *O enigma do socialismo real*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FERRO, Marc. *El cine, una vision de la Historia*. Akal: Madrid, 2008.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FIGES, Orlando. *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FIGES, Orlando. *Uma história cultural da Rússia*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FITZPATRICK, Sheila. *Everyday Stalinism: ordinary life in extraordinary times*. Nova York: Oxford University Press, 1999.
- FÜRST, Juliane (org.). *Late Stalinist Russia: society between reconstruction and reinvention*. Londres: Routledge, 2006.
- FÜRST, Juliane. *Stalin's last generation*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GORLIZKI, Yoram; KHLEVNIUK, Oleg. *Cold peace: Stalin and the Soviet ruling circle, 1945–1953*. Nova York: Oxford University Press, 2004.

- HASTEDT, Glenn. *Spies, wiretaps, and secret operations*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2011.
- HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. 3: O Marxismo na época da Terceira Internacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JORAVSKY, David. *The Lysenko affair*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.
- JUVILER, Peter. *Freedom's Ordeal: the struggle for human rights and democracy in post-Soviet States*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998.
- KALIC, Sean. *Spies*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2019.
- KOJEVNIKOV, Alexei. *Stalin's great Science: the times and adventures of Soviet physicists*. Londres: Imperial College Press, 2004.
- LABARRÉRE, André Z. *Atlas del cine*. Madrid: AKAL, 2009.
- LAWTON, Anna. *Red screen: politics, society, art in Soviet Cinema*. Londres: Routledge, 1992.
- LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MEDVEDEV, Roy. *Let history judge: the origins and consequences of Stalinism*. Nova York: Columbia University Press, 1989.
- MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy. *Um Stalin desconhecido*. Record: Rio de Janeiro, 2006.
- MEHNERT, Klaus. *O Homem Soviético*. São Paulo: Boa Leitura, 1966.
- MILLER, Jamie. *Soviet cinema: politics and persuasion under Stalin*. Nova York: I.B. Tauris, 2010.
- MONTEFIORE, Simon. *Stálin: a corte do czar vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OVERY, Richard J. *Os ditadores*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ROLLBERG, Peter. *Historical dictionary of Russian and Soviet cinema*. Lanham: Scarecrow Press, 2009.
- RUBENSTEIN, Joshua; NAUMOV, Vladimir. *Stalin's secret Pogrom*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- SAKHAROV, Andrei. *Meu país e o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- SEGRILLO, Angelo. *Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas*. Tese de Livre-docência. USP. São Paulo, 2016.
- SIBLEY, Katherine. *Red spies in America*. Lawrence: University Press of Kansas, 2004.
- SUNY, Ronald. *The Cambridge History of Russia*, vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TUCKER, Spencer (org.). *The Cold War: the definitive encyclopedia and document collection*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2020.

VALIM, Alexandre Busko. Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; LEÃO, Karl Shurster Sousa; LAPSKY, Igor (orgs.). *O cinema vai à guerra*. Rio de Janeiro: Campus, 2015, p. 179-191.

VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin: triunfo e tragédia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, 2 vols.

Fontes

SUD chesti [Tribunal de honra]. Direção: Abram Room. Moscou: Mosfilm, 1948. 1 DVD (90 min), P&B.

Anexos



FIG.1. À esquerda, Vereisky como o bem-sucedido cidadão soviético, em seu confortável apartamento destinado aos estratos médios da administração estatal e partidária; à direita, em contato com a *Life*. SUD..., 1948.



FIG.2. À esquerda, o tribunal de honra. À direita, a queda na qualidade do trabalho de Room é perceptível até no nível técnico, com a ausência de preocupação nas proporções no emprego do cromatqui. SUD..., 1948.

Notas de autoria

Moisés Wagner Franciscon é graduado (2003), especialista (2005) e mestre (2013) pela UEM; doutor pela UFPR (2019); pós-doutorando pela UFPR, sob supervisão do prof. doutor Pedro Plaza Pinto. Professor SEED-PR/Campo Mourão. E-mail: mw.franciscon@hotmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

FRANCISCON, Moisés Wagner. *Sud chesti*: a ciência soviética sob o escrutínio do regime. *Saeculum – Revista de História*, v. 28, n. 48, p. 79-100, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 27/01/2023.

Modificações solicitadas em 24/03/2023.

Aprovado em 17/05/2023.